



CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O BULLYING EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sâmela Duarte Cordeiro Leal (1); Francisco Vinícius Ferreira Gomes (2); Andréa Xavier de Albuquerque de Souza (3); Andréa Xavier de Albuquerque de Souza (4)

- (1) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – E-mail: sameladcl@gmail.com
(2) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – E-mail: viniciusfergomes@hotmail.com
(3) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – E-mail: deaxavi@yahoo.com.br
(4) Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – E-mail: deaxavi@yahoo.com.br

Resumo: Nas últimas décadas, a escola vem servindo como cenário de situações violentas, que repercutem nas relações interpessoais estabelecidas entre os sujeitos neste espaço. Dentre os tipos de violência escolar que ocorre entre pares, o mais comum é o *bullying*, que faz referência a atos de agressão de um aluno contra outro, caracterizado pela repetitividade, intencionalidade e desigualdade de poder. Diante da elevada taxa de ocorrência desse fenômeno no ambiente escolar e considerando suas consequências nocivas para o desenvolvimento e a saúde dos envolvidos, o objetivo deste artigo foi relatar a experiência de um trabalho desenvolvido em um projeto de extensão em Psicologia Escolar/Educacional com alunos do ensino fundamental de uma escola municipal de Campina Grande-PB. Ressalta-se que as intervenções realizadas pretenderam conhecer as concepções dos discentes sobre o *bullying*, bem como conscientizá-los, sensibilizá-los e orientá-los acerca dessa prática. Os resultados dessa experiência apontaram para a presença do fenômeno em todas as turmas trabalhadas, corroborando com a literatura que alerta para a alta incidência do *bullying* nos estabelecimentos de ensino. Desse modo, ao oportunizar o “pensar” e o “fazer” a partir da compreensão do *bullying* escolar e de sua dinâmica na visão dos estudantes e ao incentivar o respeito às diferenças e a rejeição a qualquer forma de preconceito e discriminação, as intervenções contribuíram na construção de significados, ressignificações de concepções e possíveis mudanças de postura por parte dos atores sociais envolvidos. Portanto, faz-se urgente a ampliação de ações educativas direcionadas para a conscientização e reflexão a respeito dos riscos causados por esse fenômeno. Assim, ações como as relatadas neste trabalho devem ser realizadas amplamente com a participação não só de alunos, mas também da família, escola e comunidade.

Palavras-chave: Psicologia Escolar e Educacional; *bullying*; relato de experiência.

1. INTRODUÇÃO

Na escola, ocorre não só a educação formal, mas também o processo interacional entre pares, que possibilita a aprendizagem de conhecimentos relacionais e o desenvolvimento de habilidades sociais (SAMPAIO et al., 2015). Por isso, esse espaço deveria ser o mais seguro e saudável possível para que crianças e adolescentes aprendessem a estabelecer relações harmônicas pautadas no respeito às diferenças. No entanto, a instituição escolar vem servindo como cenário de situações violentas, inclusive nas relações interpessoais, as quais podem produzir efeitos negativos nas dimensões individual e social (SANTOS; KIENEN, 2014).



Dentre os tipos de violência escolar que ocorre entre pares, o mais comum é o *bullying*, fenômeno presente em quase todas as escolas (públicas ou privadas) do mundo (MALTA et al., 2014). O termo *bullying* faz referência a atos intencionais e repetitivos de agressão – de diferentes formas – protagonizados por um (ou mais) aluno (s) contra outro (s), sem nenhuma razão aparente, em uma relação interpessoal marcada pelo desequilíbrio de poder (LOPES NETO, 2005; FREIRE; AIRES, 2012; MALTA et al., 2014; SANTOS; KIENEN, 2014; SAMPAIO et al., 2015). Segundo Lopes Neto (2005), essa desigualdade de poder pode estar relacionada à diferença de idade e altura, ao desenvolvimento físico ou psicológico ou ao maior apoio dos outros discentes.

Importa ressaltar que o *bullying* pode ser classificado em oito tipos diferentes, a saber: 1) verbal, 2) moral, 3) sexual, 4) social, 5) psicológico, 6) físico, 7) material, ou 8) virtual (*cyberbullying*), de acordo com as ações praticadas pelo ofensor, como, por exemplo, xingar, difamar, assediar, isolar, aterrorizar, bater, destruir pertences, e enviar mensagens intrusivas da intimidade, respectivamente (BRASIL, 2015).

Os principais papéis desempenhados pelos envolvidos no *bullying* escolar são o de autor (agressor), que comete os atos agressivos propositalmente contra determinado (s) colega (s); o de alvo (vítima), que é repetitivamente agredido e tem dificuldade para se defender; o de alvo/autor (vítima/agressor), que sofre as ofensas, mas também agride outro (s) aluno (s); e o espectador (testemunha), que assiste de forma passiva ao ataque e não denuncia (BANDEIRA; HUTZ, 2012; FREIRE; AIRES, 2012). Para Santos, Perkoski e Kienen (2015), um mesmo estudante pode transitar entre tais papéis em momentos distintos.

As situações de *bullying* podem ocorrer devido à rejeição às diferenças, embora, muitas vezes, o agressor se utiliza delas apenas para explicar suas ações (LOPES NETO, 2005). Tanto fatores individuais quanto aspectos contextuais podem favorecer o desenvolvimento de condutas hostis por parte do autor. Logo, este pode ser autoconfiante, dominador, considerar sua hostilidade como qualidade, ser popular e ter baixo rendimento escolar (ZEQUINÃO et al., 2016); advir de uma família que o maltrata ou que é muito permissiva (CALBO, 2009); e estudar em uma escola que possui regras, política administrativa ou prática educacional inadequadas (SANTOS; PERKOSKI; KIENEN, 2015).

Por sua vez, o alvo pode ter algumas características que o tornam vulnerável, como ter pouca sociabilidade e baixa autoestima, ser passivo, introvertido, inseguro e sentir medo, ansiedade ou ter depressão (LOPES NETO, 2005). Para Zequinão et al. (2016, p. 183), “as pessoas com deficiência física e mental, com diferentes orientações sexuais e de gênero, com defeitos congênitos ou adquiridos, e com sobrepeso são as principais vítimas do *bullying*”.



As consequências do *bullying* são graves e afetam, em maior ou menor grau, todos os envolvidos, sobretudo as vítimas e os agressores, a curto e longo prazo, repercutindo nos âmbitos escolar, social, psicológico e legal (LOPES NETO, 2005). Assim, os alvos podem apresentar sintomas físicos – como dor de cabeça ou de estômago – e emocionais – depressão, ansiedade, sentimento de solidão, ideação suicida, perda de autoestima, etc. –, bem como mau desempenho acadêmico ou evitação da escola (SANTOS; PERKOSKI; KIENEN, 2015). Por outro lado, os autores podem desenvolver problemas nas relações afetivas e sociais e são mais propensos a se envolver na criminalidade na vida adulta (ZEQUINÃO et al., 2016).

No Brasil, em 6 de novembro de 2015, foi sancionada a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) com a finalidade de prevenir e combater o *bullying* nas escolas e na sociedade em geral. Dessa maneira, determinou-se, dentre outras ações, a capacitação de professores e equipes pedagógicas para discutir, prevenir e solucionar o problema, assim como a realização de campanhas educativas para informar e orientar sobre o fenômeno. Destaca-se que o artigo 5º da lei implementada determina que escolas, clubes e agremiações recreativas devem elaborar estratégias de diagnose, prevenção, conscientização e enfrentamento da chamada intimidação sistemática (BRASIL, 2015).

Diante da elevada taxa de ocorrência de casos de *bullying* na escola e considerando seus efeitos negativos para o desenvolvimento (cognitivo, psicológico e socioeducacional) e a saúde (física e mental) dos envolvidos, pretende-se, neste artigo, relatar a experiência de um trabalho desenvolvido em um Projeto de Extensão em Psicologia Escolar/Educacional que tem como público alvo alunos do ensino fundamental de uma escola municipal. Ressalta-se que as intervenções realizadas tiveram o objetivo de conhecer as concepções das crianças sobre o *bullying*, bem como conscientizá-los, sensibilizá-los e orientá-los acerca desse fenômeno.

2. METODOLOGIA

As intervenções relatadas neste trabalho foram desenvolvidas em um projeto de extensão em Psicologia Escolar/Educacional da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), é composto por uma equipe de três graduandos em Psicologia e uma professora doutora do departamento de psicologia que coordena e orienta as atividades do projeto. Intituladas de “Repensando o *Bullying*”, as ações aconteceram no período de 2015 a 2016 em uma escola municipal de Campina Grande-PB e teve como público-alvo alunos das turmas do 2º ao 4º anos (manhã) e do 2º ao 5º anos (tarde), contando com a participação de 95 estudantes ao



total, com faixa-etária entre 7 e 12 anos. Ressalta-se que o projeto teve o aval da Secretaria Municipal de Educação e foi devidamente consentido pela gestão da escola.

Previamente à execução de cada atividade extensionista, realizava-se uma visita à escola com o propósito de comunicar à equipe gestora e ao professor da turma sobre a data e o horário que a ação seria desenvolvida, para que pudessem se organizar. A divulgação também era feita aos alunos da turma que seria contemplada, a fim de convidá-los para participarem do encontro e informa-los sobre a ação por meio de um cartaz que continha informações como tema, data, horário e local e que era fixado na porta da sala de aula como lembrete.

Destaca-se que as intervenções ocorreram quinzenalmente, tinham duração de cerca de uma hora e foram realizadas a partir da utilização de recursos educativos e, ao mesmo tempo, lúdicos, a fim de despertar a atenção e o interesse dos discentes, tais como: jogo da forca; palavras cruzadas; diagrama; caça-palavras; clipes musicais; vídeos; montagem de painel; rodas de conversa; contação e produção de histórias; figuras; e técnicas de dinâmica grupal. De alguma forma, todos esses artifícios informavam, conscientizavam e orientavam os educandos a respeito dos aspectos que compreendem o *bullying* (tipos, envolvidos, consequências, malefícios, etc.) e foram adequados à faixa-etária dos alunos de cada classe.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, a atuação do psicólogo educacional tem se voltado ao atendimento de demandas coletivas, com o objetivo de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e favorecer o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes que frequentam o contexto escolar. Nesse contexto, os trabalhos desse profissional devem ser desenvolvidos para promover a reflexão sobre a realidade e o cotidiano da escola, por meio do diálogo entre os seus atores (GUZZO, 2005), bem como para favorecer as relações humanas entre os agentes educacionais, alunos e suas famílias (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2008).

Marinho-Araújo e Almeida (2008) revelam a importância de criar medidas que possibilitem ressignificar as relações interpessoais na escola, conscientizar e transformar práticas que estejam impedindo a consolidação de um ambiente saudável e propício ao aprendizado e ao desenvolvimento de interações harmônicas. Segundo os autores, essas discussões e reflexões permitem a identificação de ambiguidades e conflitos existentes nos vínculos entre os atores escolares e, a partir de medidas interventivas nessa problemática, a construção de um ambiente de confiança e respeito mútuo.

Para que houvesse um enfrentamento eficaz ao *bullying* nas intervenções desenvolvidas, a equipe extensionista se fundamentou nos pressupostos supracitados, que



fazem parte das concepções da Psicologia Escolar/Educacional Crítica. Assim, a atuação foi baseada em uma perspectiva institucional, visando “contribuir para que aconteçam reformulações pessoais e institucionais no sentido de oportunizar, aos atores envolvidos, transformações e saltos qualitativos em seu desenvolvimento” (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2009, p. 664).

Desse modo, as ações interventivas foram voltadas ao desenvolvimento de competências e habilidades nos educandos para a superação de obstáculos, especialmente os que envolvem as situações de *bullying*. Além disso, pretenderam promover conscientização sobre os papéis exercidos quando ocorresse o fenômeno e possibilitar o estabelecimento de relações sociais mais saudáveis, inclusivas e livres de qualquer tipo de preconceito e discriminação. Sendo assim, utilizou-se diferentes estratégias que possibilitaram ao grupo extensionista estruturar um espaço de escuta grupal, de diálogo, de reflexão e de ressignificação de concepções, papéis e posturas frente a essa prática violenta entre pares.

Com o propósito de iniciar a atividade interventiva de forma didática e lúdica, em praticamente todas as turmas participantes foi utilizado o jogo da força para formar a frase “todos contra o *bullying*”, a fim de despertar a atenção dos educandos para o tema que seria abordado no encontro e incentivar a rejeição a esse tipo de violência logo de início. Através desse recurso, apresentou-se o significado do termo *bullying*, citando-se alguns exemplos, mediante o uso de uma linguagem apropriada para a faixa-etária dos discentes de cada turma. Esse procedimento deu segurança para certificar que todos os participantes pudessem compreender e identificar o *bullying*, considerando que se trata de um fenômeno que é rico em determinações e características.

Em todas as turmas, depois da apresentação da temática, os alunos expressavam já terem ouvido falar sobre essa prática violenta entre pares, tanto na escola (em sala de aula e no intervalo) quanto fora dela (na rua, em casa, etc.) e também nos meios de comunicação (televisão e internet). Alguns mencionaram exemplos do que consideravam como *bullying*, mas, apesar de certos relatos se qualificarem como *bullying*, constatou-se que outros não eram. Por isso, esclareceu-se que, para uma atitude agressiva ser considerada *bullying*, deve haver intencionalidade, repetitividade e desigualdade de poder, conforme explica Sampaio et al. (2015). Nas etapas iniciais do ensino fundamental, percebeu-se maior desconhecimento por parte de determinados alunos sobre o sentido atribuído ao termo e o seu significado, evidenciando a importância da intervenção.

A etapa seguinte do encontro contemplou os tipos de *bullying* e suas consequências para que os estudantes pudessem identificar e refletir sobre os efeitos negativos em níveis



individual e coletivo de cada uma das formas dessa prática agressiva ocorrer. Para tal, a equipe interventiva fez uso de recursos variados, que foram adequados para cada turma, considerando a idade dos discentes, tais como: montagem de painel – com perguntas e respostas sobre o tema – usando música; atividades lúdicas, como palavras-cruzadas, caça-palavras e diagrama – que tratavam, respectivamente, de assuntos como as diferentes formas do *bullying*, os sentimentos das vítimas e as estratégias de se defender da agressão – ; e contação e produção de histórias.

No momento final de cada intervenção, realizava-se em todas as turmas a exibição de uma animação que abordava, de maneira lúdica e educativa, assuntos relacionados ao *bullying*, como seu conceito e suas consequências, servindo para fixar o que já havia sido discutido anteriormente, bem como mostrar o que a vítima poderia fazer para se proteger. Após a exibição do vídeo, questionava-se os alunos sobre o que eles aprenderam e era feita uma reflexão geral sobre o *bullying*, acompanhada do agradecimento pela participação de todos.

Por meio das ações desenvolvidas, o grupo extensionista pôde conhecer alguns aspectos que englobam as situações de *bullying* presentes e persistentes na escola. Ademais, oportunizou o diálogo na sala de aula, uma vez que os sujeitos puderam se expressar, e, principalmente, escutar os seus colegas e a si mesmos, o que promoveu reflexão e ressignificação das concepções e práticas envolvendo essa forma de violência entre pares.

Logo, foi propiciado um espaço para que os alunos alvos do *bullying* pudessem exteriorizar suas angústias, tristezas e dúvidas em relação ao problema que enfrentavam e fossem orientados sobre como deveriam agir para evitar ou se proteger; para que os agressores se conscientizassem dos graves efeitos acarretados por seus atos e, então, refletissem sobre a sua prática; e, também, para que as testemunhas que presenciavam os momentos de agressão fossem incentivados a denunciarem para algum adulto confiável.

No geral, observou-se bastante interesse dos alunos pela temática, pois muitos deles interagiram com os extensionistas, citando exemplos, compartilhando experiências e fazendo questionamentos. Além disso, percebeu-se que os recursos utilizados, tais como histórias, vídeos e músicas proporcionaram, de forma divertida, uma aprendizagem significativa sobre o tema, e ao mesmo tempo, possibilitaram que os estudantes ficassem atentos e assimilassem melhor as informações e orientações. Considera-se, então, que as crianças foram participativas, ativas, críticas e reflexivas; algumas até ficaram surpresas e atônitas ao serem informadas sobre as repercussões negativas do *bullying*.

Em vários momentos das intervenções, os indivíduos relataram situações de *bullying* por eles vivenciadas naquele espaço. Um caso específico despertou a atenção do grupo



extensionista, pois se tratou de uma ex-aluna de determinada turma que chegou a pedir transferência daquela escola por ter sofrido agressões verbais constantemente pelos colegas, que a chamavam de “baleia assassina” devido ao seu sobrepeso. Infelizmente, como afirma Burow e Scherpp (1985), as escolas voltam os seus interesses enfaticamente no aspecto cognitivo de seus educandos, esquecendo-se que esses têm sentimentos e valores, ou seja, que não são apenas uma cabeça que recebe conhecimentos, mas também possuem emoções que precisam de atenção.

Ademais, ao longo dos encontros, pode-se conhecer na prática algumas das consequências causadas pelo *bullying*, principalmente as psicológicas, como a tristeza, o medo, a desmotivação, o retraimento, dentre outras relatadas e expressadas por certos participantes. Acerca disso, Cidade (2008,) expõe que o *bullying* traz efeitos negativos que comprometem a vida do sujeito, prejudicando o convívio social, a aprendizagem, bem como a saúde (física e emocional) das vítimas que, com frequência, se sentem excluídas, desprezadas e abatidas, o que contribui para a ocorrência de casos como o da ex-aluna, narrado anteriormente.

Ressalta-se que os resultados dessa experiência apontaram para um número elevado de alunos que se identificaram como vítimas de *bullying*. Também foi unanimidade nas turmas o relato de sujeitos que afirmaram ter testemunhado colegas sendo agredidos de diferentes formas por outros colegas. Segundo Calbo (2009), os espectadores assistem passivamente às situações violentas de *bullying*, se calando devido ao medo de denunciar e ser a próxima vítima, o que colabora para a manutenção dos comportamentos agressivos.

Sem dúvidas, verificou-se que o *bullying* representa um problema real, grave e comumente presente no contexto escolar. Mediante os resultados de pesquisas realizadas sobre o assunto, como as de Francisco e Libório (2009) e Lemos (2007), conclui-se que um número bastante significativo de alunos está envolvido em casos de *bullying*, seja de forma direta ou indireta, o que foi comprovado no decorrer dos encontros aqui compartilhados, considerando a grande quantidade de exemplos descritos pelos educandos.

Sendo assim, comprovou-se que tanto meninos quanto meninas experienciam níveis similares de vitimização; todavia, crianças do sexo masculino foram mais frequentemente apontadas pelos seus colegas como agressores do que as do sexo feminino, fato esse verificado nos estudos de Lisboa (2005). Dentre os relatos dos mais variados tipos de agressão sistemática, os casos de *bullying* verbal se sobressaíram como a forma mais recorrente, em ambos os sexos, o que converge com dados da literatura (FREIRE; AIRES, 2012; BANDEIRA; HUTZ, 2012).



Outro aspecto que despertou a atenção do grupo interventivo foi o fato de alguns estudantes terem mencionado que tentaram comunicar à professora ou à diretora a ocorrência de casos de *bullying* na escola, mas foram ignorados por esses agentes escolares, que não atribuíram a devida importância à denúncia. Baseando-se em Ristum et al. (2010), pode-se afirmar que acontecimentos como o descrito revela uma banalização e naturalização do *bullying* no ambiente escolar, bem como na sociedade em geral, o que dificulta o enfrentamento e a superação desse tipo de violência escolar entre pares.

Essa constatação reafirma a importância da implementação de trabalhos realizados em uma perspectiva crítica e institucional e voltados para informar, conscientizar e promover reflexões e sensibilização a respeito da gravidade desse fenômeno, como o que foi proposto e executado pelo projeto de extensão em Psicologia Escolar/Educacional apresentado neste artigo.

Desse modo, pode-se apontar o psicólogo escolar/educacional como um agente essencial no combate ao *bullying*, pois ele pode contribuir no reconhecimento de comportamentos e atitudes que possibilitem o surgimento de violência e agressividade na interação entre pares. A partir disso, esse profissional será capaz de analisar e provocar reflexões a respeito dos conflitos existentes nas relações interpessoais, assim como de desenvolver estratégias eficazes de intervenção e prevenção, colaborando para o desenvolvimento de competências e habilidades sociais dos alunos e para o estabelecimento de uma convivência saudável (FREIRE E AIRES, 2012).

Dessa maneira, reconhecendo a extrema necessidade de discutir o tema do *bullying* na escola, ressalta-se a relevância do trabalho da Psicologia Escolar/Educacional, que pode se tornar um elemento capaz de transformar a realidade de intimidação sistemática na escola. Posto isso, considera-se que a atuação em uma perspectiva institucional pode favorecer a resignificação de concepções e práticas de todos os atores escolares sobre o *bullying* e diminuir os processos de exclusão e baixo rendimento acadêmico que se estabelecem como consequências desse fenômeno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento das ações interventivas relatadas no presente artigo, percebeu-se a rejeição de pares, a falta de identificação com colegas da classe, o desrespeito e, sobretudo, casos de *bullying*. Desse modo, em cada encontro, procurou-se intervir nessas relações, lembrando sempre os discentes sobre a importância da empatia nos relacionamentos

interpessoais, do respeito às diferenças, da coesão, da valorização do outro e do clima emocional grupal saudável.

Ao oportunizar o “pensar” e o “fazer” a partir da compreensão do *bullying* escolar e de sua dinâmica na perspectiva dos alunos, e ao incentivar a rejeição ao fenômeno e a toda forma de preconceito e discriminação, as ações extensionistas desenvolvidas tiveram uma contribuição social na medida em que atuou na construção de significados, reflexões, ressignificações de concepções e possíveis mudanças de postura por parte das crianças que são o futuro deste país.

Portanto, constatou-se que o *bullying* escolar é um problema sério e atinge uma parcela significativa dos alunos. Assim, a elevada prevalência dessa prática nas escolas demonstra a necessidade urgente da ampliação de ações educativas voltadas para a prevenção, conscientização e enfrentamento da intimidação sistemática. Além disso, torna-se imprescindível haver um investimento maior na capacitação de profissionais da área da educação para que eles sejam capazes de desenvolver intervenções, como as apresentadas neste relato de experiência, visando combater esse tipo de violência escolar. Ressalta-se, também, que as medidas interventivas não devem se restringir aos alunos, mas compreender também a família, as equipes pedagógicas e a comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, C. de M. et al. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p.35-44, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 213, 9 nov. 2015. Seção 1. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=09/11/2015&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=96>>. Acesso em: 5 out. 2016.

BUROW, O-A.; SCHERPP, K. **Gestaltpedagogia**: um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus1985.

CALBO, A. S. et al. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p.73-80, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200001>. Acesso em: 7 out. 2016.

CIDADE, A. P. S. **Bullying Escolar** – Uma realidade ainda desconhecida. Brasília: Monografia. 49f. Centro Universitário do Distrito Federal – UDF Coordenação do Curso de Direito, 2008.

FRANCISCO, M. V; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2009.200-207

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p.55-60, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006>. Acesso em: 10 out. 2016.

GUZZO, R. **Psicologia em instituições escolares e educativas**: apontamentos para um debate. Brasília: In: Conselho Federal de Psicologia, Ano da psicologia na educação: textos geradores. CFP, 2008, 53-61p.

LEMOS, A. C. M. Uma visão psicopedagógica do bullying escolar. **Rev. Psicopedagogia**, v. 24, n. 73, p. 68-75, 2007.

LISBOA, C.S.M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, 146 p.

LOPES NETO, A. A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p.164-172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 9 out. 2016.

MALTA, D. C. et al. Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.92-105, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2014000500092&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 8 out. 2016.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.;ALMEIDA, S. F. C. de. **Psicologia Escolar**: construção e consolidação da identidade profissional (2a ed.). Campinas, SP: Alínea, 2008.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar: Cenários Atuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2009. p. 648-663. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a07.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2016.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (orgs.). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores [online]. Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, ISBN 978-85-7541-330-2. 2010, 95-119 p.



SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p.344-352, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200344&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 out. 2016.

SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p.1017-1033, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400017>. Acesso em: 6 out. 2016.

SANTOS, M. M.; KIENEN, N. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p.161-178, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100013>. Acesso em: 8 out. 2016.

ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p.181-198, mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100181&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 7 out. 2016.

